

JANET WALLACH

SERAGLIO





Título original: *Seraglio*
Autor: Janet Wallach
© 2003 by Nan A. Talese Books

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por

Edições Saída de Emergência
Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº
2775-274 Parede, Portugal
Telefone e Fax: 214 583 770
www.saidadeemergencia.com

Paginação: Edições Saída de Emergência
Tradução: Luís Filipe Sequeira
Revisão: Rosa Maria Vilaça

Impressão e acabamento: Guide - Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal n.º 298 553/09
Acabou de imprimir-se em Outubro de 2009

ISBN: 978-989-637-156-2

NOTA DA AUTORA

Esta obra é baseada na vida de Aimée du Buc de Rivery, uma rapariga da Martinica do século XVIII, prima da imperatriz Josefina Bonaparte, que foi raptada por piratas argelinos e mandada para o Seraglio – o harém do sultão em Istambul. Aí, no palácio de Topkapi, tornou-se esposa de um sultão turco e mãe de outro. A sua ascensão de mera escrava a sultana *valide*, e a sua influência sobre o filho, o sultão Mahmud II — um dos grandes reformadores do Império Otomano e que ocidentalizou fortemente a Turquia —, intrigou gerações de escritores e estudiosos.

A sua história foi sempre muito controversa. Aimée du Buc seria na verdade a mesma pessoa a quem no harém chamavam Nakshidil? E, caso fosse, quando teria chegado a Istambul, qual era a sua relação com Selim, e seria ela a verdadeira mãe de Mahmud? Depois de vários anos de pesquisa, visitas a Topkapi e ao impressionante mausoléu onde ela está enterrada, e ainda com a ajuda de estudiosos otomanos que passaram a pente fino os arquivos do palácio de Topkapi, fui obrigada a reconhecer que existem poucas informações específicas sobre Aimée/Nakshidil ou, na verdade, sobre qualquer outra das mulheres do harém do sultão otomano. Não eram permitidos jornais ou diários dentro do harém imperial, não se admitia nenhum contacto com o mundo exterior; o passado das mulheres era deliberadamente apagado, e os seus futuros eram definidos pelo palácio.

Foi um jesuíta, de nome Crisóstomo, quem leu os últimos sacramentos concedidos a Nakshidil já no seu leito de morte.

O facto da mãe do sultão ter nascido cristã não era incomum; foi o seu desejo de morrer como cristã e a aceitação disso por parte do seu filho que a distinguiram. Provar que ela era a filha desaparecida dos du Buc de Rivery, família de latifundiários de Martinica, era mais difícil, mas mesmo assim muitos estudantes da História turca acreditam que isso seja verdade. E quando o sultão Abdul Aziz viajou para França em 1867, foi acolhido com grande entusiasmo por Napoleão III, que disse à imprensa que as suas avós eram parentes. Mais ainda, o sultão levou consigo uma miniatura de Nakshidil que se parecia com um retrato anterior de Aimée, e enquanto esteve em França, Abdul Aziz mandou dizer que estava à procura de membros da família de Aimée.

Comecei esta obra como uma biografia e acabei por a escrever como um romance histórico. Não perei fim ao debate sobre as origens da sultana *valide* Nakshidil. Mas espero que o livro mostre um pouco como era a sua vida misteriosa no harém há dois séculos. Talvez ele também lance alguma luz sobre o mundo muçulmano de hoje, seja o de um punhado de governantes emaranhados em intrigas de poder e sucessão, ou o dos milhões de mulheres que ainda vivem escondidas atrás do véu do harém.

Do
JOURNAL DE FRANCE,
10 de Julho de 1867

O sultão Abdul Aziz chegou à cidade de Paris esta semana para uma visita oficial. Sendo o primeiro imperador otomano a visitar a França, foi calorosamente recebido pelo governo, que o acomodou numa enorme suite no palácio do Eliseu e colocou uma equipa à sua disposição para auxiliar a sua vasta escolta de criados. Dentre os desejos do sultão estavam ovos cozidos no pequeno-almoço, pastéis de Napoleão ao almoço, chocolates à noite e espectáculos particulares na sua suite com as raparigas do Folies Bergère. Questionado sobre a razão de ter convidado o sultão Abdul Aziz para Paris, o imperador Luís Napoleão respondeu que estava muito curioso em conhecer o sultão porque “somos parentes pelo lado das nossas avós”.

PRÓLOGO



O Padre Crisóstomo, ajoelhado diante do pequeno crucifixo na sua cela, teve os pensamentos interrompidos por uma pancada na porta.

— Só um momento — disse o jesuíta, afastando a imagem da mulher que entrevira no parque: os olhos provocantes, o pulso delicado, o aroma almiscarado a flutuar no ar. Ela fazia parte do harém do sultão, mas não havia ele percebido um ligeiro galanteio quando ela o encarara e, tinha que admitir, não o tinha ele retribuído?

Prometendo para si próprio mencionar aquilo na confissão da manhã, recitou uma prece rápida, perguntando-se enquanto o fazia quem o poderia estar a visitar àquela hora. Levantou-se do chão, ajeitou a túnica castanha e abriu a porta. De pé à sua frente estava o padre George, com um ar de surpresa no rosto; atrás do bom homem estavam dois janízaros, com os seus turbantes altos a fazer pouco do padre baixinho e gorducho.

— Eles desejam vê-lo — disse o padre George nervoso, virando os olhos para cima para indicar os soldados do sultão. — Vieram do palácio com um recado. É urgente. — O coração

do padre estava aos pulos. Teria o eunuco que escoltava a mulher do harém percebido o seu olhar naquela manhã? Nenhum homem, nem mesmo um padre, ousava olhar para as escravas do sultão. Estariam eles ali para o prender, ou coisa pior?

Um dos soldados especiais estendeu um envelope para o padre Crisóstomo. Ele abriu-o com pressa e leu a mensagem curta: “É imprescindível que o senhor obedeça aos janízaros e venha imediatamente.” Procurou uma assinatura, mas o bilhete não dava nenhuma pista do seu autor.

— Só um instante, por favor — disse, levantando os olhos para os homens, com apreensão. — Sou o vosso mais humilde servo. Tenho só de ir buscar a minha capa.

Assim que ajeitou o manto de lã sobre os ombros e apagou a vela no seu quarto, o jesuíta saiu atrás dos janízaros. Tinha chovido, e o aguaceiro de Verão causava uma neblina espessa, mas, sem mais ninguém nas ruas, eles desceram depressa a colina de Pera até ao cais de Gálata, onde um caíque boiava entre as ondas. O padre contou os dez pares de remadores e viu que a embarcação pertencia a um alto oficial do palácio.

Depois de se acomodar sobre as almofadas do convés, o padre Crisóstomo tentou conseguir informações sobre quem o tinha chamado, mas sempre que começava a falar os soldados do sultão lançavam-lhe um olhar feroz e diziam-lhe para se calar.

— Depressa descobrirá — disse um dos janízaros, enrolando o bigode comprido enquanto falava. Os remadores remavam com velocidade pela escuridão, e o padre cedo pôde distinguir o lado europeu do Bósforo e o palácio de Beshiktash. Assim que a embarcação encostou no cais, os janízaros saltaram para terra firme e puxaram o padre consigo.

Dentro do palácio, o padre Crisóstomo quis parar e admirar o luxo dos aposentos, cada qual mais ornamentado do que o outro, mas os soldados fizeram-no passar depressa pelos salões dourados. Finalmente chegaram diante de uma pesada porta pintada, onde um eunuco negro estava de guarda.

— Trouxemo-lo o mais depressa que foi possível — sussurrou o mais velho dos janízaros. O eunuco flácido levantou um dedo, indicando que deveriam esperar, enquanto desaparecia lá dentro. Quase imediatamente regressou à porta, acenando para o padre jesuíta entrar. Seria para ali que o estavam a chamar?

O padre Crisóstomo entrou no aposento com cautela. O cheiro pungente de sândalo e incenso enchia o ar, disfarçando o cheiro de doença. Olhou à volta, apercebeu-se das tapeçarias de seda penduradas nas paredes e atravessou os tapetes estampados até a cama, da beira da qual um médico grego acenou para que ele se aproximasse mais. Em baixo do mosquiteiro estava uma mulher deitada, imóvel. Olhando para o seu rosto de relance, viu de imediato que ela estava pálida como um fantasma. Calculou que já passasse dos quarenta anos, mas, mesmo naquela idade avançada e com a sua doença terminal, reparou nos seus traços delicados e faces como pêssegos ressequidos, e apercebeu-se que ela tinha sido uma grande beleza quando jovem. Certamente não era ela o motivo da visita.

Enquanto espiava através do tecido branco, escutou um discreto tossir, e só então se apercebeu da figura escondida de um jovem barbado nas sombras. Foi preciso apenas um segundo para o padre se dar conta de quem o tinha chamado, e tentou esconder o próprio medo, enrolando e apertando cada

vez mais a corda do cinto à volta dos dedos. Já estivera diante de personagens poderosos antes, mas nenhum tão assombroso quanto aquele homem.

— O senhor está aqui por minhas ordens — disse o sultão, e o padre curvou-se, tanto por terror quanto por respeito. Então, como se o padre tivesse tido escolha naquele assunto, o governante pôs a mão sobre o próprio coração e acrescentou:

— Obrigado por ter vindo. Prometi a minha mãe que ela morreria como desejava. Por favor — sussurrou ele, manecendo a cabeça em direção à cama —, dê-lhe a extrema-unção. — Então, o sultão saiu do quarto e indicou aos outros que eles deviam segui-lo.

O padre Crisóstomo deu um suspiro de alívio, tirou o manto e colocou-o com cuidado sobre uma cadeira; foi então que se apercebeu do eunuco negro de pé no canto do quarto. O padre olhou para ele com ansiedade — para o seu rosto feminino, para o seu pescoço grosso e para a sua barriga curvilínea —, mas, sem dizer nada, puxou uma cadeira até junto da cama e sentou-se ao lado da rainha-mãe. Sabia que, durante os últimos oito anos, aquela mulher, agora tão frágil, tinha sido a mulher mais influente do império: a conselheira de confiança de seu filho, o sultão Mahmud II, e o rosto público do governante particular. Os otomanos chamavam-na de sultana *valide* Nakshidil, e chamavam o seu filho de padixá, a sombra de deus na terra, o califa, líder de todos os muçulmanos. Agora ela queria-o a ele, um padre jesuíta, ao seu lado.

— Sultana *valide* Nakshidil — sussurrou ele com uma voz que pretendia acalmá-la — estou aqui para si, e pelo tempo que desejar. Por favor, comecemos com uma prece.

— Ó padre, a minha cabeça está tão cheia — respondeu

ela debilmente. — O senhor deve saber que não fui boa católica. Assim que cheguei ao harém, fui forçada a tornar-me muçulmana. Fiz o que pude... preces secretas... Cristo... — e a sua voz dissipou-se.

O padre tomou a sua mão frágil e segurou-a enquanto ela recuperava a força. Quando viu que ela estava pronta para falar de novo, assentiu com a cabeça para a incentivar.

— O harém pode ser um lugar terrível... — confidenciou ela — cheio de intrigas... havia uma mulher ruiva, eu... — a sua voz desapareceu. O eunuco chegou mais perto para intervir. Com a sua voz aguda de *castrato*, alertou:

— Minha querida, estás fraca, e há coisas sobre as quais não deves falar. Nem mesmo a um padre.

Pouco depois, o padre tirou um pequeno frasco de dentro da túnica e ungiu a mulher com o óleo. Ajoelhando-se ao seu lado, disse:

— Por esta unção abençoada, e por Sua misericórdia cheia de amor, possa o Senhor assisti-la pela graça do Espírito Santo, para que quando a senhora estiver liberta dos seus pecados Ele a possa salvar e com a Sua bondade alçá-la aos céus.

Logo depois de conferir a extrema-unção, dando-lhe a remissão dos pecados veniais e tornando-a isenta de culpa por pecados mortais inconfessos, viu que a mulher ficou completamente imóvel. Tomou-lhe o pulso, mas qualquer sinal de vida tinha desaparecido; cruzou-lhe os braços em cima do peito e fechou-lhe as pálpebras. Atravessou o aposento para pegar no seu manto, mas o eunuco estava a apertá-lo contra o peito como se ele fosse uma bóia de segurança que o ligasse à *valide*. Com delicadeza, o padre tocou no braço do homem, vestiu o seu casaco e seguiu aquele estranho personagem que

caminhou até a porta com um passo ligeiramente manco. O padre Crisóstomo olhou à volta à procura dos janízaros, mas eles já tinham desaparecido.

— Vou levá-lo de volta ao seu mosteiro — disse o chefe dos eunucos negros, adivinhando o que passava pela cabeça do padre. — O caíque está à espera.

Fizeram a travessia em silêncio dentro da embarcação, e depois de ela tornar a atracar no cais de Pera, quando os dois homens estavam à porta do convento jesuíta, o padre Crisóstomo convidou o eunuco a entrar.

— Por favor — insistiu ele —, esta foi uma noite difícil. Compartilhe comigo um copo de néctar bom e forte. Fará bem a ambos. — O orgulhoso eunuco que, embora de altura modesta e com uma perna mais curta do que a outra, tinha um porte principesco, respondeu que raramente bebia álcool, não porque a sua religião o proibisse, mas porque o álcool lhe subia à cabeça. Mesmo assim, concordou ele, era verdade, aquela noite tinha sido difícil, e agradecido, aceitaria a oferta do jesuíta.

Enquanto os dois homens bebiam o seu vinho, a conversa, inicialmente lacónica e entrecortada, tornou-se mais amigável. O padre Crisóstomo contou anedotas sobre a vida em Pera com os francos, e o visitante sorriu ao ouvir as divertidas histórias sobre os europeus, mas, taciturno por natureza, pouco revelou sobre a sua própria vida no palácio. O padre ansiava por saber o que o eunuco tinha impedido a rainha-mãe de dizer, e orgulhava-se da sua capacidade de extrair confissões, mas sabia que era preciso abordar o assunto com extrema delicadeza. Começou por fazer as perguntas habituais, qual era o nome do homem, há quanto tempo estava no palácio, que cargos tinha

ocupado e assim foi indo. Finalmente, perguntou como tinha ele chegado ao poderoso cargo de chefe dos eunucos negros.

— Por causa da sultana *valide* Nakshidil — foi a resposta do eunuco, cujo apelido era Tulipa.

O padre prosseguiu, contando histórias sobre a sua própria família, as irmãs e irmãos, e em especial sobre a mãe. Então tornou a abordar o assunto da rainha-mãe.

— O senhor conhecia-a bem?

— Essa é uma pergunta difícil, padre. Nenhum de nós é o que parece. Todos somos mais do que queremos que os outros saibam, e menos do que nós próprios queremos acreditar.

— Mas?

— Com o passar dos anos, tornámo-nos mais próximos.

— O senhor deve ser uma pessoa especial para ter sido tão próximo de uma mulher assim — disse ele, esperando que o elogio fosse fazer o homem falar.

O eunuco deu outro gole no vinho e pousou o copo vazio sobre a mesa.

— Ela salvou a minha vida um certo dia, e eu salvei a dela.

O padre Crisóstomo inclinou-se e, enquanto tornava a encher o copo de ambos, Tulipa continuou.

— Era uma boa mulher, e lutava por aquilo em que acreditava. — Os seus olhos começaram a encher-se de lágrimas. — Sentirei profundamente a sua falta quando ela se for. — Parou por um instante e, engasgando-se com as palavras, corrigiu-se. — Agora que ela se foi...

O padre jesuíta ouviu a angústia na sua voz.

— Por favor, meu amigo — disse com delicadeza. — Vejo que está cheio de tristeza. Às vezes é melhor falar. Fale-me sobre a sultana *valide*. Sei que os escravos do palácio são obriga-

dos a converter-se ao islamismo. Como pode o sultão ter-lhe permitido morrer católica? Quem era ela, e de onde veio?

Tinha passado muito tempo desde que o visitante falara com alguém sobre a sultana *valide* Nakshidil, e embora eles tivessem sido próximos e ele tivesse ficado a saber de muitas coisas ao longo dos anos, jamais traíra a sua confiança.

— Eu levaria muitas noites para contar toda a história — disse o eunuco.

— O senhor é bem-vindo para voltar quantas vezes desejar — retorquiu o padre. — Espero que passemos muitas noites juntos.

O eunuco deu outro gole no líquido forte, afrouxou o cinto e, com uma lacrimosa voz de soprano, começou a contar uma estranha história.



CAPÍTULO 1



Encontrei Nakshidil pela primeira vez no dia em que ela chegou ao palácio de Topkapi, no Verão de 1788, faz já quase 30 anos. Muitos de nós tínhamos recebido ordens para ir ao cais do harém: um navio corsário pertencente ao *bei* da Argélia tinha atracado ali, e dizia-se que trazia a bordo um presente para o sultão Abdul Hamid. Ficamos a saber que, três semanas antes, piratas argelinos tinham capturado um navio e presenteado o *bei* com o botim: junto com ouro, prata e o carregamento do navio, havia uma dúzia de cristãos e um botão quase em flor. O *bei* ficou com o ouro e a prata, vendeu as mercadorias e escravizou os homens. Mas, ao ver aquele botão quase em flor, o argelino resistiu à tentação de a guardar para si. Em vez disso, ordenou que a mandassem para Istambul. O astuto *bei* conhecia a lascívia do sultão por raparigas novas.

Ficámos muito felizes em recebê-la. Ela possuía um ar etéreo, como uma pena a dançar no ar. Ou uma delicada flor-de-lis; embora eu suspeitasse que tivesse um temperamento difícil de domar. Olhando para ela da cabeça aos pés, os meus colegas proferiram a sua rodilha de comentários previsíveis:

— Ela é magra demais para servir de alguma coisa — disse um.

Outro perguntou:

— Por que não me deu Deus cabelos louros e olhos azuis como os dela?

Um terceiro murmurou:

— Talvez ela aprenda a dar-me prazer.

O senhor parece surpreso, meu amigo. É claro que nós eunucos somos desprovidos dos órgãos íntimos de um homem, mas nem todos somos como podeis pensar: alguns de nós temos os impulsos de um homem normal; outros preferem que homens lhes dêem prazer. Não desejo falar sobre as minhas próprias necessidades sexuais; o que me preocupava era a sobrevivência dentro do palácio.

De qualquer modo, prometi a mim mesmo que esperaria para ver como a menina era, antes de tomar qualquer decisão sobre como tratá-la. É preciso sempre ter cautela no palácio: todos ali são cúmplices ou inimigos; os cúmplices são raros; os inimigos são muitos.

Eu podia ver que ela passara por uma provação, e que os piratas a tinham maltratado. Estava apática e confusa demais para falar, mas mantinha-se orgulhosamente erecta e não se movia; e foi preciso arrastá-la até diante do chefe dos eunucos negros.

O *kislar aghasi* estava à espera no salão de entrada do harém, o mundo sagrado das mulheres, proibido a todos os homens com excepção do sultão e dos seus eunucos negros. Estava encharcado em óleo de rosas, com uma expressão severa no rosto, a gigantesca silhueta vestida de seda verde e uma grossa pele de marta, o turbante cónico a pairar muito acima das

nossas cabeças. Não era um homem que se satisfizesse com facilidade, e nós eunucos vivíamos com medo do seu descontentamento, demonstrado pelo seu temperamento irascível. Embora no harém o silêncio reine supremo, pude ver no brilho dos seus olhos negros e no sorriso contorcido que surgiu na sua boca, que ele estava contente com o presente do *bei*. Um acréscimo louro ao harém poderia valer-lhe elogios do sultão. Mas o seu primeiro passo foi examiná-la, como sempre fazia com todas as novas odaliscas.

Ele brandiu o seu chicote de couro e seguimos as suas ordens, retirando o vestido rasgado da menina e as suas roupas interiores esfarrapadas que traziam as etiquetas rotas de um fabricante francês. Ela mantinha-se de pé com a cabeça erguida, mas os seus olhos estavam em transe, chocados diante da visão do poderoso eunuco e da sua própria nudez.

O *kislar aghasi* estudou-a, descendo os olhos lentamente pelos cabelos embaraçados, passando pela testa alta, pelos olhos azuis, pelo nariz arrebitado ligeiramente pontiagudo e pelos lábios de Cupido. Apontou para mim e ordenou-me que lhe abrisse a boca e a mantivesse aberta para ele poder verificar-lhe os dentes. No início pensei que ela fosse morder, mas depois percebi que estava assustada demais para se mexer ou fazer qualquer ruído. Ele passou o dedo pelo interior da boca dela, contou-lhe os dentes e verificou as suas gengivas, avaliando-a como faria com um camelo ou com um cavalo. Uma vez convencido da sua boa condição oral, passou a examinar-lhe a carne.

Ordenou que o meu colega levantasse os seus cabelos e correu os olhos pelo seu pescoço; parou por um instante, pensando ter visto um sinal, mas era apenas uma pequena ara-

nha, e continuou, pousando os olhos nos seus seios brancos leitosos. Apertou os mamilos para ter certeza de que não continham nenhum líquido, e ela teve um movimento de recuo, mas ele ignorou-a e passou várias vezes os dedos cheios de jóias pelo seu peito macio. Olhou rapidamente para o umbigo, depois continuou a viagem para baixo, concentrando-se no seu triângulo. Percebeu a falta de pêlos púbicos e sorriu; ela ainda não tinha entrado na puberdade.

Ele pareceu satisfeito ao mover os olhos pelas suas pernas e tornozelos bem torneados e verificar os dedos dos pés para ver se eram rectos. Tornou a brandir o chicote e fez um círculo no ar com o dedo para indicar que deveríamos virá-la de costas. E começou todo o processo novamente. Olhou de novo para o seu pescoço comprido, parou no que poderia ter sido uma verruga nas suas costas, e ordenou que um de nós a inspeccionasse. Era apenas um pouco de sujidade. Examinou o resto das suas costas, acompanhou o contorno do seu corpo para baixo até chegar às nádegas e aí parou. Então, segurando o seu rabo redondo com uma das mãos, correu os dedos da outra por cima da pele rosada e macia, e beliscou-a de leve. Olhou para as coxas, pernas, tornozelos e barriga da pernas, e ao chegar aos pés balançou a cabeça, e eu soube o que viria em seguida.

Virámos a rapariga de modo a colocá-la de frente para ele. Ele segurou o seu joelho com uma das mãos e depois subiu devagar pela parte interna da coxa até chegar ao ponto onde ficava a abertura, e mergulhou dois dedos lá dentro. Surpresa, a menina deu um grito, e pensei que ele fosse dar-lhe um tabefe, mas não. Em vez disso, remexeu os dedos dentro dela, retirou-os e lambeu-os. Vi-a estremecer, e então a sua cabeça desabou, e ela envolveu o corpo com os próprios braços para

cobrir a sua vergonha. Sabendo que ela não teria valor algum caso não fosse virgem, esperámos para ver se o *kislar aghasi* nos daria um sinal para ficar com ela. Lentamente, ele balançou a cabeça para cima e para baixo, aprovando.

— Tulipa, cuida dela — ordenou o chefe dos eunucos negros. Satisfeito por ele confiar em mim, embora temeroso no caso de as coisas azedarem, enrolei o vestido em volta do seu corpo nu, levei o dedo aos lábios para a fazer compreender que não deveria falar e levei-a para os banhos, onde permaneci com ela no calor denso até ela ficar limpa. Fazia semanas que a rapariga não tomava banho, e ela aceitou de bom grado quando as escravas a sentaram num pedestal de mármore, derramaram água sobre a sua cabeça com uma jarra de prata e esfregaram os seus cabelos e o seu couro cabeludo. Eu podia ver a inveja no olhar das outras jovens; elas não gostavam dos seus cabelos dourados nem dos seus olhos cor do céu; nem da maneira nobre como se comportava; ela não era nenhuma camponesa da Rússia ou do Cáucaso como a maioria, e elas não aceitavam bem sua diferença.

Uma vez acostumada com os vapores sulfurosos que pairavam no ar, ela olhou à volta com um ar triste: estavam ali meia dúzia de jovens langorosamente deitadas, com crinas de cabelos negros a escorrer pelas costas, e olhos muito negros brilhando em contraste com a pele branca e luminosa. De pé atrás delas estavam outras, algumas brancas, outras negras, com os seios nus e vestidas com um pano leve na cintura, penteando as raparigas como as gatas amorosas cuidam dos seus filhotes. Num canto, duas formas voluptuosas estavam presas num abraço. A menina não disse uma palavra, mas mais tarde confidenciou-me:

— Senti-me humilhada e amedrontada; nada parecia familiar. Eu não sabia onde estava, nem sequer que dia era. Depois dos piratas capturarem o nosso navio, perdi qualquer noção de tempo; relógios e calendários são concepções sem significado quando não são utilizados. Quanto ao lugar, naquela primeira névoa densa dos banhos, vi as mulheres a acariciarem-se umas às outras e pensei ter entrado em Lesbos ou no Purgatório da Vaidade.

Terminado o banho, ela acenou a pedir a sua velha roupa e tirou alguma coisa da bainha, mas o vestido não era mais seu e ela não podia usá-lo. Em vez disso, enrolaram-na numa toalha de linho e calçaram os seus pés com socas de tartaruga. Usamos socas de sola de madeira para evitar cair no mármore escorregadio e para nos proteger do calor que sobe do chão, mas embora ela se movesse com graça achou os saltos altos traiçoeiros demais para caminhar, e foi preciso ajudá-la a chegar até à sala de arrefecimento dos banhos, onde pareceu agradecida ao receber uma bebida fresca. Sorveu as pedras de gelo de laranja avidamente, mal parando para tomar fôlego.

No vestiário contíguo, deram-lhe roupas limpas: ela vestiu o fino *shalwar*, hesitante diante das calças presas nos tornozelos; e em seguida uma blusa transparente como gaze que mostrava os seus seios, mas ela parecia agradecida por qualquer tipo de coberta. Por cima daquilo vestiram-lhe um *entari*, o longo vestido de seda de mangas justas que se abria para lhe realçar os seios e era abotoado apenas na cintura; e um cinto de linho simples, sem jóias, que ela amarrou enviesado sobre os quadris. Suspirou de alívio ao perceber que não precisava de usar as socas de tartaruga fora dos banhos; como todas as ou-

tras, recebeu chinelos bordados. Então eu conduzi-a corredor abaixo até a camareira-chefe.

Geralmente é a rainha-mãe quem comanda o harém, mas o sultão Abdul Hamid tinha-se despedido da sua mãe há muito tempo, e era a *kahya kadin* quem nos governava a todos nós. Uma virgem de certa idade nomeada pelo sultão, que agora a chamava de “mãe”, a camareira-chefe tinha o privilégio de carregar um ceptro de prata e poder usar o selo imperial; as únicas outras pessoas com autorização para o fazer eram o sultão e o grão-vizir.

Encarregada de treinar centenas de escravas, o seu trabalho era garantir que a vida no harém decorresse com tranquilidade: havia uma equipe de 40 pessoas só para o padixá, para se certificar de que tudo — as suas roupas e as suas jóias, as suas abluções e o seu banho, os seus xaropes e o seu café, a sua mesa e a sua lavandaria, os seus músicos e os seus contadores de histórias — estivesse sempre pronto e em perfeita ordem. Havia também uma equipa para o chefe dos eunucos negros, e equipas para cada uma das esposas, para as favoritas — as concubinas — e para as próprias camareiras.

Sob a camareira-chefe havia uma camareira para cada área, todas de idade avançada demais para atrair qualquer olhar: a camareira do Alcorão, do serviço de café, do tesouro, das bebidas frescas, da despensa, do serviço de jarras, dos escribas, da lavandaria, do guarda-roupa, das jóias, dos bordados, dos penteados, das cerimónias, da música e dos doentes. Essas camareiras, por sua vez, treinavam as raparigas mais jovens no seu serviço. Felizes eram as jovens bonitas escolhidas para as equipas do sultão; ao contrário das suas superiores, que nunca tinham dormido com um homem, elas tinham uma boa hipó-

tese de serem convocadas pelo sultão para um encontro particular. Quando isso não acontecia, as mais afortunadas podiam ser escolhidas como esposas de algum homem importante fora do palácio, um governador de província, um paxá ou um oficial militar. Ou, caso o dever chamasse, podiam elas próprias tornarem-se um dia camareiras do palácio, enriquecidas por bens materiais se não por assuntos do coração.

Fiz sinal à menina dizendo-lhe para ficar quieta e esperar, enquanto eu me aproximava da cadeira de prata; fiz uma profunda reverência e beijei a manga da *kahya kadin*. Quando levantei a cabeça e vi o começo de um sorriso no seu rosto, soube que ela estava satisfeita com a virgem de cabelos claros; a menina era nova, mas estava claro que era versada nas artes da sociedade e valia duas vezes mais do que qualquer camponesa que recebíamos.

Sabendo que eu tinha jeito para línguas, ela olhou-me mandando que eu traduzisse; pela etiqueta do vestido, presumi que a menina falasse francês.

— Qual é o teu nome, quantos anos tens e de onde vens? — perguntei.

— O meu nome é Aimée du Buc de Rivery — respondeu ela com a voz contida, fazendo com que eu tivesse que me esforçar para a ouvir. — Tenho 13 anos e sou francesa de Martinica.

— E como vieste parar aqui?

— O meu pai é proprietário de uma grande fazenda de cana. Ele mandou-me estudar em Nantes. Há três anos que estava lá quando ele me mandou voltar para casa. Mas nunca cheguei ao meu destino. O meu navio foi capturado por piratas. Fui levada para Argel, e depois trazida para cá. — A sua voz agora estava um pouco mais forte, e comecei a ouvir o rit-

mo melodioso do francês crioulo. — O meu pai é um homem rico. Pagará o que vocês quiserem para que me mandem de volta para casa.

A camareira-chefe ignorou a oferta.

— Tens algum talento? Sabes dançar ou costurar? Todas as raparigas aqui devem costurar — acrescentei.

Ela deu um sorriso tímido e tirou um pequeno pano bordado de dentro do *entari*.

— Escondi isto quando os piratas subiram a bordo do meu navio. — Ela levantou a cabeça e pude ver nos seus olhos um ar de desafio. — É o meu lenço preferido e eu guardei-o para dar sorte. Eu mesma costurei-o na escola.

Ela estendeu o lenço, mas a camareira recusou-se a tocar-lhe. Chegando mais perto, pude ver os pontos e soube que a menina era habilidosa.

— E música? Tocas algum instrumento?

— Mas é claro — respondeu ela. Usando as mãos finas para mostrar como se segura um violino e um arco, fingiu tocar. — Bach, Mozart — disse.

Mais algumas palavras da camareira-chefe e a menina foi dispensada com um aceno da mão, como uma mosca inoportuna. Mais uma vez ela foi posta sob os meus cuidados, e eu fi-la cruzar um corredor, descer um estreito lance de escadas e entrar no húmido porão onde dormiam as noviças. Abri a porta do aposento sem janelas, e quando ela viu os divãs dispostos ao longo da parede, pude perceber que queria sentar-se, mas atirei a cabeça para trás, arqueei as sobranceiras e estalei a língua para lhe dizer não.

Ela agarrou o meu braço. A sua voz era doce como a de um rouxinol.

— Mal posso dizer como fiquei contente ao ouvi-lo falar a minha língua — disse ela. — Faz muito tempo desde que conversei com alguém, e o meu coração dói só ao pensar nisso.

— Não deves mais falar em francês — ordenei. — Deves esquecer o nome Aimée, e quem é a tua família e de onde vens. Estás no harém agora. Aprenderás árabe e turco; estudarás o Islão; vais tornar-te muçulmana.

A camareira-chefe dera-me um pedaço de pergaminho, e eu prendi-o no seu peito.

— Este é o teu nome agora — disse eu. — Nakshidil.

Ela olhou-me como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Nakshidil — disse eu de novo. — Repete comigo.

Ela permaneceu totalmente imóvel e, embora eu tenha dito o nome várias vezes, recusou-se a proferir um som sequer.

• • •

A noite caía sobre o palácio, e as portas de ferro do harém cedo se fechariam, com as raparigas trancadas no interior, como pérolas escondidas dentro das suas ostras. Um eunuco negro surpreendido lá dentro depois do anoitecer podia contar os seus últimos suspiros. Saí, sabendo que as centenas de raparigas que dormiam no comprido e estreito aposento eram como estrelas amontoadas na noite fria e escura, aquecidas apenas pelos carvões de um braseiro, mantidas sob o olhar vigilante de uma camareira do dormitório — uma para cada dez jovens. Que sonhos um dia tiveram essas mulheres de olhos tristes, quantas esperanças frustradas! Anos depois, uma delas disse-me que o seu coração se apertava sempre que via as meninas inocentes que entravam no harém; os seus olhos sonhadores reflectiam

os seus sonhos; os seus lábios maduros esperavam por beijos que jamais provariam.

— Eu nunca lhes falava sobre o meu desespero, os meus anos de espera, à espreita de sinais do sultão, anos vazios desprovidos de qualquer amor — dissera ela.

— Nunca houve ninguém? — perguntei.

Quase pude vê-la esforçando-se para recuperar as lembranças enquanto franzia o rosto.

— Lembro-me de quando Besmi me abordou pela primeira vez, de como eu me entreguei de bom grado, permitindo que ela explorasse o meu corpo em troca de qualquer tipo de afecto. Depois houve Sésamo, o eunuco, que me ofereceu os seus lábios grossos e me satisfez com as suas estranhas ferramentas.

A camareira olhava as raparigas, todas lindas, sabendo que muitas delas tinham sido embaladas nos seus berços com canções infantis sobre o caminho cintilante rumo ao palácio. Eu ouvia as suas histórias vezes sem conta. Nenhuma delas era turca, pois é pecado para um muçulmano escravizar outro muçulmano. Em vez disso, vinham das terras dos infieis — das montanhas do Cáucaso, das ilhas gregas, da península balcânica —, e tinham chegado ali por vontade dos próprios pais, algumas muito novas, aos oito ou nove anos, outras até por iniciativa própria, lembrando a si mesmas, enquanto atravessavam as montanhas e depois seguiam de barco até Istambul, que era melhor ser escrava de um homem rico do que esposa legítima de um pobre.

Talvez tivessem razão: a liberdade pode não significar nada se estiver obscurecida pela fome e pelo frio; uma rapariga escrava no harém tem mais hipóteses de encontrar um lugar quente para dormir e comida suficiente para comer, do que

uma desafortunada camponesa à mercê dos caprichos da natureza. Há uma espécie de segurança nesse mundo sequestrado de escravas, onde os únicos homens que podem entrar são o sultão e os seus eunucos negros. E ao contrário da camponesa condenada à sua sina miserável, a odalisca tem oportunidade de melhorar a sua sorte. O mercado de escravas pode parecer cruel e libertino para quem observa os seus leilões, mas as jovens, embora vestidas sumariamente e inspeccionadas, sabem que os seus futuros podem estar envoltos em camadas de prata e ouro, bastando para isso que a sua beleza e os seus talentos atraíam o olhar do sultão.

Para Nakshidil, é claro, era diferente. O seu futuro era rico em possibilidades, e no entanto ali estava ela, sozinha no meio do violento turbilhão de sons desconhecidos e comportamentos estranhos. Naquela primeira noite, ela imitou as outras e tirou almofadas e travesseiros dos armários junto às paredes, deixou-se cair sobre o divã fino e puxou as cobertas de retalhos sobre o próprio corpo como um sudário.

Foi a última vez que a vi durante uma semana. Os meus deveres eram junto à *kahya kadin*, e havia tantas raparigas e tanto a fazer que praticamente me esqueci de Nakshidil, até receber um recado para comparecer imediatamente no aposento das noviças. Quando lá cheguei, a camareira do dormitório estava lívida.

— A nova menina — disse ela. — Ela recusa-se a mexer-se; sequer a levantar-se da cama. Uma das meninas tem-lhe trazido comida; se não fosse por isso, ela morreria de fome. Elas tentaram falar-lhe, mas ninguém consegue entender uma palavra do que ela diz. Tu és o único que conhece a sua língua. Fala com ela.

Nos quartos reinava sempre o silêncio, como por todo o palácio, e se as meninas proferissem qualquer palavra eram forçadas a fazê-lo em turco. Quando não faziam isso, quando desobedeciam, eram punidas. Apesar do risco de serem castigadas, muitas atreviam-se a sussurrar juntas na sua própria língua, e de vez em quando era possível ouvir os gritos de uma menina a apanhar nas orelhas. Nakshidil corria o risco de ser punida e tentava falar com as outras, apenas para ser recebida com olhares vazios e sacudidelas de ombros, pois ninguém a entendia. As línguas das raparigas eram uma torre de Babel, uma mistura de russo, arménio, geórgico, checheno, circassiano, romeno, búlgaro, esloveno, servo-croata e grego.

Secretamente, eu estava contente por ter outra oportunidade de treinar o meu francês, mas ao chegar perto de Nakshidil demonstrei apenas a minha raiva.

— Deves fazer o que te mandam fazer. Isto aqui não é um palácio para crianças mimadas — repreendi-a. — Aqui trabalhamos muito, e tu não és melhor do que as outras. Na verdade, és apenas uma odalisca, o nível mais baixo de uma escrava. Podes ter sido educada em França, mas és inexperiente no harém, uma mera lagarta num mundo de borboletas. Tem cuidado — avisei-a. — Podes ser punida por esse comportamento.

Ela primeiro lançou-me um olhar vazio, e depois uma lágrima apareceu na sua bochecha. Um minuto depois mais lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Poupe-me desse teatro, pensei.

— Não quero ser punida — soluçou a menina. — Só quero ir para casa.

— Não podes ir para casa — disse eu. Mantive o meu rosto congelado numa expressão severa, mas algo na voz dela me

lembrava como eu me tinha sentido, assim que chegara ao palácio, um menino novo castrado, aterrorizado, com saudades de casa, anestesiado pela perda de partes do meu corpo e assombrado por aquele lugar estranho.

— Sei que os meus pais me vão encontrar — insistiu ela. — Eles perceberam que havia algo errado quando o meu navio não chegou. Tenho de lhes mandar dizer que estou aqui.

— Isso não vai acontecer — retorqui, ríspido. — Isto aqui é o harém, o palácio real do sultão, o seu mundo particular, e quer sejamos homens ou mulheres, eunucos brancos ou negros, jovens pajens ou soldados, vizires ou homens santos, esposas ou concubinas, irmãs ou mães, existimos apenas para servir o líder otomano. Não importa quem somos, as portas do nosso passado foram totalmente fechadas.

— Não pode ser — argumentou ela. — Eu conheço a nova ópera de Mozart, *Rapto do Seraglio*. Alguém vai salvar-me, exactamente como fazem no libreto.

— A única pessoa que te vai salvar és tu mesma — aconselhei. — Podes recusar-te a cooperar, e serás punida e continuarás a ser uma reles escrava. Ou podes trabalhar, estudar para te tornares muçulmana e aprender a agradar a um homem. Então terás uma hipótese de te tornares favorita, ou mesmo esposa. — Afastei uma mecha de cabelos da frente do seu rosto e fui-me embora.

Na manhã seguinte, fui ver como ela estava e vi que se tinha juntado às outras para o pequeno-almoço, acorada no chão em volta de uma grande bandeja de cobre, comendo em silêncio. Ela tomou um gole do forte chá russo, ao mesmo tempo amargo e doce, e quase o cuspiu, e quando mordeu o pão estufado franziu o cenho ao sentir o gosto da massa com sésa-

mo. Tentou colocar o queijo Peta e as conservas em cima do pão, mas, usando apenas o polegar e os primeiros dois dedos da mão direita, não conseguia evitar que a comida escorregasse. Frustrada, levantou-se e, mantendo a cabeça erguida em desafio, afastou-se.

Chamei-a de lado.

— O que há de errado contigo? — perguntei. — Precisas de comer.

— Não consigo — disse ela. — Essa comida é para as outras. Eu desejo apenas uma xícara de chocolate quente e um pouco de pão fresco.

— Não vais encontrar isso aqui. — Ela suspirou.

— Ainda me lembro do meu último pequeno-almoço no convento; as minhas amigas todas abraçaram-me e disseram o quanto sentiriam a minha falta e como desejavam também estar a voltar para casa. Agora não há ninguém para abraçar, ninguém sequer com quem conversar e nem mesmo um chocolate quente para beber.

Suponho que tenha sido a solidão que a afectou e, alguns dias depois disso, ela voltou a perder a cabeça, gritou em francês com as meninas e com a camareira, saiu a bufar e atirou-se sobre a cama. Fui chamado novamente para falar com ela. Entrei no quarto húmido, vasculhei os sofás simples e vi-a sob as cobertas.

— Que loucura é essa? O que estás a fazer? — repreendi.

— Quero ir para casa — soluçou ela.

— Não importa o que queres. Deves fazer apenas o que te mandam.

— Dizem-me sempre para não falar. Este lugar tem um silêncio assustador, e o silêncio penetra nos meus nervos assim

como o frio penetra nos ossos. Quando me pedem para dizer alguma coisa, devo responder nessa língua feia. Não consigo. Por que não falam elas francês? Será que não sabem que é a única língua importante? O francês é a língua diplomática. E dizem-me para usar estas roupas feias. Por que se vestem assim elas? Meu Deus, que aparência elas têm!

Olhei para baixo, para a minha túnica e as minhas calças presas nos tornozelos, e lembrei-me de como me tinha sentido tolo quando, em vez do pano simples que vestia na casa de meu pai, recebera a ordem de usar aquelas roupas; entretanto, depois de algum tempo, eu já ansiava por alguns metros de seda para fabricar uma nova e brilhante cafetã ou calças bufantes.

Para ser franco, eu pensava que as roupas valorizavam as curvas das jovens escravas, mas precisava admitir que, comparadas com ela, aquelas raparigas pareciam sem graça. Não era apenas o seu corpo flexível; havia algo que ela fazia com as poucas peças de roupa que lhe tinham sido dadas — a maneira como amarrava o cinto ou enrolava a túnica — que a fazia parecer ter mais classe. Contive-me para não dizer nada, mas deixei-a prosseguir, esperando que, se terminasse todas as suas reclamações, ficasse mais disposta a obedecer.

— Onde está o vinho? Que tipo de gente não bebe vinho? — perguntou ela. — Elas aqui bebem água, imagine! Argh! E dizem-me para comer com as mãos. Isso é coisa de bárbaros. Não sou nenhuma selvagem. E as camas. Não se parecem nada com camas; não têm colchão, só tecido recheado com lã. Eu venho de França, a maior civilização do mundo. Não pertencço a este lugar, e eles não têm o direito de me manter aqui. Vou-me embora imediatamente.

Não pude evitar uma risada sarcástica.

— Eu já te avisei — disse eu. — Isso é impossível. Aqui é o palácio do sultão.

— Palácio! — gritou ela. — Isto não é nenhum palácio. Pelo que vi, são apenas quatro pátios e uma fileira de pavilhões.

— Chama-o como quiseres. Tu estás aqui para o resto da tua vida. — Fiz uma pausa de um instante, depois acrescentei: — Tal como eu.

Ela olhou-me com raiva.

— Não sou como tu. Como ousas comparar-me a um eunuco feio e coxo?

Eu podia senti-la encarar o meu rosto imberbe, e então os seus olhos desceram até à minha perna mais curta.

— Não sou uma aberração — disse ela com crueldade. — Sou uma miúda, uma miúda muito bonita. As pessoas sempre me disseram isso.

O meu estômago revirou-se enquanto ela falava, e dei-lhe um violento tabefe na bochecha. O seu rosto ficou vermelho e pude ver os seus olhos a encherem-se de lágrimas. Ela olhou-me com desprezo.

Levantei a mão para impedi-la de dizer qualquer outra coisa.

— Nakshidil — disse eu.

— Eu não sou esse nome que me chamas. O meu nome é Aimée du Buc de Rivery. Eu sou francesa. Venho de Martinica. E muito em breve vou voltar para casa.

Virei-lhe as costas. Já ouvira o bastante.

Foi então que vi a camareira do dormitório e percebi que ela tinha testemunhado tudo. Enquanto saía, pude ouvir o grito de Nakshidil e soube que ela tinha sido entregue a outro

eunuco, que bateu na sua orelha dez vezes com um chinelo de couro. Voltei e espreitei para dentro do quarto: ela estava caída no chão, encolhida, com sangue a escorrer por um dos lados da sua cabeça.

Ela vai mudar agora, pensei, estremeçando ao lembrar-me das tarefas que tinha recebido nas solas dos pés. Fora logo depois da minha chegada: eles passaram os meus pés por tábuas de madeira, amarraram-nos e bateram nas minhas solas descalças com a bengala de madeira vezes sem conta, até eu desabar no chão. Durante dias tive de gatinhar para subir e descer da cama porque não conseguia andar. Enrolei gaze em volta dos pés durante semanas até finalmente eles pararem de sangrar. Todo o jovem eunuco é punido assim, não uma, mas muitas vezes; é um método para tornar os noviços obedientes. Todos aprendemos depressa a obedecer. Mas não Nakshidil. Primeiro pensei que ela tinha mudado, mas, como ficaria a saber depois, era justamente a sua teimosia que lhe seria tão útil nos anos futuros.

Na manhã seguinte, ela seguiu as outras raparigas: levantou-se da cama, enrolou as suas roupas de cama numa *bocha* e devolveu o baú de roupas à prateleira. Tirou um tapete de orações da pilha no canto, encontrou o pedaço de musselina branca enrolado lá dentro e colocou-o na cabeça. Seguiu o imã eunuco negro que as conduzia na prece e, ajoelhando-se sobre o tapete, apertou as mãos na frente dos olhos e tentou repetir as palavras estranhas, sem nada saber do seu significado. As palavras não eram uma súplica pela sua liberdade, disso ela podia ter a certeza. Depois de dizer as palavras em voz alta, ficou parada por um instante, como se estivesse a fazer uma prece silenciosa.

Depois vestiu as roupas finas que tinha recebido e juntou-se às outras para a primeira refeição do dia. Quando começaram as aulas de árabe, ficou claro que apenas duas das outras jovens sabiam ler um livro ou segurar uma pena. Mas o sultão insistia para que todos no palácio de Topkapi soubessem ler e escrever, e todos precisavam decorar os preceitos básicos do islamismo.

Um verdadeiro muçulmano, disseram a Nakshidil, conhece o Alcorão inteiro de cor. Ela achava aquilo inconcebível, visto a grande dificuldade que tinha com o árabe. Devo admitir que o árabe é complicado de se ler — não se parece em nada com o francês —, mas é tão mais bonito de se ver, com a sua escrita em caracol que corre da direita para a esquerda, as suas letras qual camaleões que mudam de forma conforme muda a sua localização numa palavra.

Quanto a falar turco otomano, com a sua mistura de persa, árabe e turco, ela achou aquilo praticamente impossível: alguns de nós temos ouvido para línguas — eu próprio sou capaz de imitar um russo, um grego ou um persa e soar como um nativo de suas terras —, mas para outros, eu sei, a tarefa não é fácil; os sons estranhos, a ênfase em sílabas inesperadas, os verbos que ficam para trás como as últimas pernas de uma centopeia, as palavras que não têm nenhuma conexão com qualquer outra que conheçam. Se ela tinha que falar essa língua, disse-me ela, então preferia não falar. Sempre que me encontrava ela murmurava alguma coisa em francês. Eu fingia não a escutar, mas era sempre uma provocação com os turcos: “Eles falam uma língua indizível” ou “Estas pessoas não passam de selvagens”, dizia ela.

Sem querer esforçar-se, ela era incapaz de ficar íntima de qualquer uma das outras escravas. Estava sempre sozinha, e

não entendia as conversas das raparigas. Durante as refeições, o espaço no chão foi aumentando entre ela e as restantes. Quando as outras riam, ela tinha a certeza de que estavam a rir-se dela.

Durante a maior parte do tempo, ela ficava isolada e amuada, insistindo com teimosia que em breve seria resgatada. Recusava-se a responder quando alguém a chamava pelo nome Nakshidil e recusava-se a entender quando alguém lhe falava em turco. Dei-me conta de que, se não começasse a conformar-se, poderia ser expulsa do palácio e vendida no mercado de escravos. Não era com ela que eu estava mais preocupado; eu tinha receio de que o chefe dos eunucos negros me culpasse a mim pelo seu fracasso.

Então lembrei-me que uma das meninas do quarto ao lado era de origem romena. As raízes das suas línguas eram as mesmas, e Nakshidil tinha estudado latim: com um pouco de ajuda minha como tradutor, pensei que elas poderiam entender-se.

— Nakshidil — disse eu, trazendo para perto dela uma menina de rosto redondo com grandes olhos castanhos e um sorriso amigável. Os seus cabelos castanhos estavam trançados e enrolados em volta da cabeça. — Quero que conheças uma rapariga que está aqui há algum tempo. Esta é Perestu.

A jovem apresentou-se.

— Eu sou aquela que te levou comida quando chegaste e te recusavas a sair da cama.

— Foste gentil — disse Nakshidil. — Mas não tenho a certeza de que eu queria que alguém me salvasse.

— Ah, bem — disse Perestu, desconsiderando as últimas palavras —, é assim que eu sou. Gosto de tomar conta de qual-

quer pessoa doente, e pareço sempre estar a salvar animais feridos. — Ela sorriu e duas covinhas redondas surgiram nas suas bochechas.

— Perestu — disse Nakshidil. — Tens um nome engraçado. O que significa?

— “Pequena Andorinha”, em persa. E o que significa o teu no-me?

Nakshidil sacudiu os ombros.

— Eles dizem-me que é algo como “Bordada no Coração”.

— É bem bonito — disse Perestu. Depois pediu licença. — Tenho de ir, mas de certeza que nos veremos em breve.

Nos banhos, onde todas as raparigas passam algum tempo diariamente, vi Perestu a ensinar Nakshidil a tingir as pontas dos dedos com *hena* e a usar um palito para aplicar *kohl* negro em volta dos olhos. Mas Nakshidil recusava-se a pintar as sobrancelhas e a fazê-las juntarem-se no centro, e quando lhe perguntei porquê, ela respondeu:

— Sei que as outras pensam que sou estúpida por não seguir a moda, mas acho que isso faz-me ficar com um ar cruel.

No banho turco, as moças tinham mais liberdade para conversar, e muitas vezes as suas conversas eram sobre o sultão Abdul Hamid: elas passeavam pela sala de arrefecimento com os olhos a brilhar enquanto imaginavam o que fariam caso ele as chamasse. Mas, quando Perestu contou a Nakshidil que o governante era velho e devasso, ela estremeceu só de pensar que ele poderia chamá-la.

Certo dia, quando levei para as moças do dormitório uma segunda muda de roupa e um pouco de tecido — o seu quinhão anual —, Nakshidil falou sobre os metros de lindo tecido que tinha comprado em Nantes, presentes para a sua família

quando voltasse à Martinica. Havia também outros presentes — unguentos e perfumes especiais para a mãe, lindas caixas de prata para as irmãs, um belo pincel de barba para o pai —, tudo roubado pelos piratas, junto com o medalhão de ouro da sua mãe que ela usava em volta do pescoço.

— Se tu fizeres o que te mandam — disse Perestu —, terás coisas muito melhores aqui: as favoritas do sultão têm uma coleção interminável de jóias e roupas fabulosas e bebem o seu café em xícaras de ouro incrustadas com pérolas. Não é tão terrível entregares-te a um homem que dá presentes assim.

— Não consigo pensar nessas coisas — disse Nakshidil. — Passo o tempo todo a sonhar com François, o rapaz com quem o meu pai planeja casar-me. Só me importa como será a nossa vida. Eu vejo-me vestida de sedas, com as ancas enfeitadas com laços de fita, a tomar-lhe o braço com orgulho enquanto descemos pela rua. Vejo-nos em casa: eu a levantar o rosto para beijá-lo; ele a curvar-se e a sorrir com os seus olhos azuis, enquanto coloca um colar de pérolas à volta do meu pescoço...

— É melhor esqueceres essa imagem — disse eu — ou vai haver outra coisa em volta do teu pescoço. O carrasco usa uma corda de seda.

— Devias estar a pensar no teu trabalho — aconselhou Perestu. — Que tarefa recebeste para fazer?

— Nenhuma, é claro — disse Nakshidil com desdém. — Porque deveria eu trabalhar?

— Porque é preciso — disse a rapariga. — Toda a gente no harém tem algum tipo de tarefa.

— Eu não sou toda a gente. Nunca trabalhei. E não pretendo fazê-lo.

A romena balançou a cabeça.

— E que tipo de trabalho fazes tu? — perguntou Nakshidil, com a curiosidade obviamente despertada.

— Eu sou música — disse ela. — Toco *ney*.

— E eu toco violino.

— Talvez tu possas aprender um instrumento turco — disse Perestu. — Mas tens de fazer alguma coisa. Nunca serás ninguém aqui se não obedeceres.

— E o que há aqui para ser? Todos são escravos.

— Ah, não é assim — respondeu Perestu. — Há escravos no pé da escada e escravos no topo da escada. Nós estamos no pé, e não recebemos muita coisa, algumas roupas e algumas piastras como remuneração, e pouca liberdade. Não podemos fazer o que queremos dentro do palácio nem podemos sair da área do palácio; estamos aqui apenas para servir as outras. Dentro de um ano ou dois tornar-nos-emos noviças, e então teremos oportunidade de nos aprimorar. Aquelas que saem do noviciado para se tornarem concubinas, e talvez até esposas do sultão, ou aquelas que acabam por se tornar camareiras de departamentos, têm guarda-roupas enormes, possuem cofres de jóias, os seus próprios escravos e mais liberdade pessoal; podem sair do palácio para fazer piqueniques ou passeios de barco, e acompanhar o governante à sua residência de Verão. De vez em quando até lhes é permitido casar e deixar o palácio. Uma mulher esperta pode acumular grande riqueza e exercer enorme poder no harém. Esse é o meu objectivo, e se tu fores esperta será o teu também.

— Não espero ficar aqui por tanto tempo — respondeu Nakshidil. — A minha família vai salvar-me muito em breve.

— Sinceramente, Nakshidil — repreendeu-a Perestu. — Tens de esquecer a tua família. Mas, pensando bem — acres-

centou ela, pensativa —, não é estranho que o meu sonho seja o teu pesadelo? Estou tão agradecida por estar aqui no palácio de Topkapi. Isto é o que a minha mãe desejava para mim e o que eu própria aprendi a desejar para mim. Minha pobre mãe, Deus a abençoe. Agradeço a Deus por ela ter feito o que fez. Mesmo neste ambiente modesto, estou melhor do que teria estado na Roménia.

— Como assim? — O interesse de Nakshidil tinha sido despertado.

— A minha família é de camponeses — sussurrou ela. — Eles trabalham nos campos de trigo dez horas por dia. É um trabalho árduo, e a minha pobre mãe fica exausta. Mas não é só isso que ela tem de fazer. Ela junta o pouco de comida que há, pão, batatas, de vez em quando um pedacinho de carne; cuida do marido e dos filhos e trata deles quando ficam doentes; limpa o casebre e mantém-no arrumado; e além de tudo isso, todos os anos o seu ventre está inchado com mais um filho. Éramos seis quando eu parti, todos com menos de dez anos, e só Deus sabe quantos mais há agora.

Nakshidil ficou em silêncio por um instante.

— Fico feliz por ti, se é aqui onde queres estar — disse ela. — Mas eu não quero. Quero estar com a minha família, *maman*, *papa*, as minhas duas irmãs e François, e encontrarei alguma forma de sair daqui em breve; não serei mantida aqui por muito tempo.

Eu queria contar-lhe sobre a minha própria família, mas quando comecei a falar apercebi-me da camareira a entrar pela porta. E isso colocou um fim à conversa.

CAPÍTULO 2



Nakshidil arrastava os seus chinelos amarelos pelo chão de madeira, amuada, enquanto eu a fazia subir um lance de escadas e percorrer o labirinto de corredores até à pesada porta marchetada. Eu empurrei-a para a abrir, e pudemos ver um grupo de meninas sentadas no chão de pernas cruzadas, formando um círculo: no centro do círculo havia uma moldura de madeira esculpida e, estendida sobre ela, um pedaço de tecido cor de açafrão. Supervisionando tudo aquilo havia uma mulher mais velha.

O lenço de Nakshidil tinha impressionado a camareira-chefe, e ela recebera ordem de trabalhar na sala de bordados. A mulher carrancuda encarregada da costura aproximou-se — tinha 30 anos, talvez, com faces encovadas que um dia tinham valorizado ossos bem formados, mas agora estavam ocas por causa dos dentes podres. O ressentimento fizera os seus olhos tornarem-se frios e abaixara os cantos da boca numa expressão de permanente desgosto. Ao vê-la, a nova rapariga ocupou imediatamente um lugar no chão junto das outras.

Uma dúzia de escravas trabalhava no pesado tecido de cetim. Eu via os seus dedos voarem por cima do tecido, um

ponto duplo carmim para preencher a tulipa aqui, ou o roxo para os jacintos ali, prata ou ouro metálico para o contorno, um ponto de cetim verde para os caules. Elas trabalhavam com tanta habilidade que era impossível dizer qual era a frente do pano e qual era o avesso. O bordado era estupendo, com os seus sombreados e contrastes, a sua complexidade e os seus detalhes, um traje que todas no harém cobiçariam. Mas aquela não era uma roupa para escravas comuns: era uma cafetã para Aysha, a primeira *kadin*, a mais proeminente esposa do sultão. Ela era mãe de um herdeiro do trono, e como tal tinha uma posição de grande importância. Um dia tornar-se-ia a sultana *valide* e governaria todo o harém. Todos tentavam agradá-la.

Nakshidil recebeu agulha e linha, e os seus dedos tremiam. Os seus próprios pontos pequenos, que tinham conquistado elogios no Convent dês Dames de la Visitation, eram grandes e desajeitados comparados aos das raparigas do harém. Se ela cometesse um erro ali, se desse um ponto grande demais ou passasse a agulha pelo lugar errado, as consequências podiam ser duras. Já era difícil o suficiente costurar através da urdidura de seda, mas seria ela capaz de manejar os fios prateados da trama? E se o seu fio se partisse? Eu tinha-a alertado que ela corria o risco de ser severamente punida caso não fizesse o trabalho correctamente.

Ela observava as outras, sabendo que costurar os fios metalizados ou mesmo a seda fina através do cetim pesado era muito mais difícil do que bordar um simples lenço. Recebeu um pano simples para treinar, e atirou-o ao chão de tão frustrada.

— Toma — disse eu, apanhando o pano do chão e manejando a cabeça discretamente em direcção à camareira —, debes ter deixado cair isto.

Ela entendeu o meu aviso e costurou um pouco mais. Mas naquela tarde o seu semblante estava mais carrancudo do que era comum, e em vez de se juntar às outras à hora da refeição, ela ficou sentada no seu divã, enrolando nervosamente um pedaço de pano à volta dos dedos finos. Pela manhã disse-me que se tinha revirado na cama a noite inteira, bordando pontos na sua mente. Quando adormeceu, disse ela, sonhara com uma velha a espetar o seu coração com uma agulha.

Mas depois de vários dias de prática aprendeu a técnica suficientemente bem para se juntar às outras, e logo, desafiada pelo trabalho, sentiu-se aliviada: sabia que poderia ter sido incumbida de trabalhos muito piores. Poderia estar a polir braseiros ou a carregar pesadas bandejas de comida ou a lavar roupa ou a limpar os longos cachimbos e narguilés. Mesmo assim, quando ela disse a Perestu que gostava do seu trabalho, a menina deu uma resposta estranha.

— Nada bom — sussurrou ela, balançando o dedo para Nakshidil. — Nada bom.

— Mas por quê? — perguntou Nakshidil, irritada com a resposta. — Eu gosto de costurar. Era uma das melhores no convento. Posso tornar-me uma das melhores aqui.

— Não se pode admirar um passarinho se ele estiver escondido numa árvore — foi a resposta da jovem.

Fiquei satisfeito ao ver que Nakshidil ignorou o comentário de Perestu e se adaptou à rotina quotidiana. Levantando-se de manhã cedo ao lamento dos *muezins* do palácio e dos músicos, ela fazia as suas abluções, cobria a cabeça, virava-se para Meca e acompanhava o imã enquanto ele conduzia as preces. Para cada uma delas, inclinava-se dobrando o corpo nos quadris, endireitava as costas, ajoelhava-se e esticava o corpo no

chão; prostrada, tocava o chão com o nariz, depois com a testa. Com as palmas das mãos juntas na frente do rosto e os olhos fechados para afastar o mal, ela rezava, algumas vezes em silêncio, outras vezes em voz alta.

— *Allahu akbar* — Deus é grande, dizia em árabe. Levantava-se do chão e recitava com dificuldade alguns trechos do Alcorão que eu a estava a ajudar a decorar, repetindo as cinco preces.

Depois disso comia o seu pequeno-almoço — tinha-se acostumado ao chá e ao iogurte e ao pão de sésamo — e seguia para as suas aulas de árabe, esforçando-se para aspirar os *agás*.

— Finge que estás a soprar uma vela — sugeria eu, de pé atrás dela na sala de estudos.

Ela estava a começar a ler o Alcorão, mas quando chegou à linha que diz: “Os homens são responsáveis pelas mulheres porque Alá fez com que um fosse superior ao outro”, fez uma careta e disse:

— Alá não fez os homens turcos para serem responsáveis por mim. — Ela detestava ter que decorar a história do Islão, mas apesar da sua resistência infiel, era boa aluna e tinha aprendido a recitar as seis doutrinas: crença em Deus; nos Seus anjos; no Seu livro; nos Seus profetas; no último Dia; na predestinação. E conhecia os cinco pilares do Islão: Deus é um só e Maomé é o Seu Profeta; preces cinco vezes ao dia; caridade; jejum durante o mês sagrado do Ramadão e, quando possível, peregrinação a Meca e Medina.

— Sabes — disse eu, incentivando-a —, tu estás no palácio há seis meses e estás a fazer progressos. Não vai demorar muito para estares pronta para levantar o indicador e dizeres as

palavras que farão de ti uma muçulmana: “Não há outro Deus senão Alá, e Maomé é o seu mensageiro”.

— Se é isso que tenho de fazer para sobreviver aqui —, disse ela — assim seja.

Quando a refeição do meio-dia era trazida das cozinhas, ela acocorava-se com as outras meninas e comia em silêncio: frango e arroz, iogurte, beringela, grão-de-bico, queijo feta e beterraba. Certa vez, quando uma travessa de aboborinhas e pepinos apareceu, Perestu soltou um risinho maroto.

— Por que estás a rir-te? — sussurrou Nakshidil.

— Sabes por que é que esses legumes vêm fatiados?

— Não — respondeu a menina.

— Eles têm medo que, se os mantiverem inteiros, nós os usemos como substitutos de um homem.

Nakshidil olhou para ela, intrigada.

Mais tarde, na sala de costura, as raparigas não conseguiam resistir ao impulso de quebrar o silêncio com bisbilhotices. Alguns trechos flutuavam até aos ouvidos de Nakshidil: Aysha era a mãe do príncipe do meio, Mustafá; o príncipe mais velho e herdeiro do trono era Selim; o mais novo era Mahmud; a cafetã tinha de estar pronta em três meses; aquela que provocasse raiva em Aysha seria punida e dispensada da sala.

Conforme Nakshidil trabalhava, a sua mente inquieta voltou a pensar em Perestu vezes sem conta, e ela perguntou-me diversas vezes o significado das palavras da amiga. Expliquei que, se o velho sultão visse uma menina que achasse atraente, poderia promovê-la a outro nível, a concubina. Fora isso que acontecera com Aysha.

— Se o sultão me visse, talvez ele pudesse demonstrar in-

teresse pelo meu progresso — murmurou ela. Virou-se para a jovem ao seu lado.

— Há quanto tempo foste colocada na sala de costura? — sussurrou.

— Dentro em pouco fará dois anos — respondeu a menina. — É muito tempo.

— É. Mas algumas das outras estão aqui há muitos anos. Os turcos consideram um grande privilégio trabalhar com bordados. É uma das coisas mais importantes que uma mulher pode fazer.

— Tencionas sair daqui, fazer outra coisa?

— É quase impossível. Não se tem escolha. É preciso obedecer aos desejos do sultão.

— Mas o sultão não me colocou aqui. Quem decidiu foi a camareira-chefe.

— Ela é a representante dele no harém. Tens de fazer o que ela diz.

— Ou então?

— Ou então — interrompi — podes ser expulsa do palácio e vendida no mercado de escravos.

— E tu já viste o sultão alguma vez? — perguntou Nakshidil. Os olhos da moça arregalaram-se.

— Uma vez, no Ramadão, vi-o na grande celebração.

Nakshidil ficou calada, e suponho que os seus pensamentos tenham voltado a Perestu. Como poderia ela ser vista se estava isolada na sala de bordados? Como um passarinho na árvore, uma jovem que costurava jamais ficaria visível: os seus pontos simplesmente se mesclariam às folhas.

Durante mais de uma semana Nakshidil trabalhou com cuidado no seu bordado, concebendo o seu plano. Só mais tarde eu soube que ela estava a tramar uma forma de escapar ao

trabalho. Se aquilo parecesse deliberado, ela sabia que seria severamente punida. De facto, ela costurava tão bem que os seus pontos chegaram até a atrair alguns olhares de admiração. Mas certa tarde espetou a agulha no lugar errado do tecido, e foi só depois de ter bordado pelo menos mais uma dúzia de pontos que o erro se tornou aparente. Ela olhou com um ar de desamparo para a camareira, que a repreendeu com delicadeza.

— Sinto muito. Por favor, desculpe-me. Serei mais cuidada — desculpou-se Nakshidil.

No dia seguinte, espetou o dedo com a agulha e uma gota de sangue caiu sobre o tecido. A camareira encarou-a com fúria e repreendeu-a com mais severidade.

— Menina estúpida — disse, limpando rapidamente o tecido. — Presta atenção ao que fazes. Não queremos o teu sangue no tafetá. Tens sorte de ele ter caído sobre a flor vermelha. Da próxima vez serás punida — alertou ela.

Houve uma exclamação de espanto na sala quando a agulha de outra rapariga escorregou, fazendo com que ela também cometesse um erro; as outras mexeram-se nos seus lugares, afastando-se um pouco mais de Nakshidil. Alguém sussurrou que ela estava com mau-olhado.

Mas na tarde seguinte, enquanto bordava, Nakshidil não pôde ignorar a onda de sussurros que percorria a sala.

— O que é? — perguntou. — Por que é que toda a gente está tão nervosa de repente?

— Aysha está a dirigir-se para cá — murmurou uma das meninas. — Ela quer ver como o trabalho está a progredir na sua cafetã.

Nakshidil levantou os olhos do tecido no instante em que uma mulher de cabelos cor de fogo entrava na sala. Ela olhou

para mim como se dissesse: então é assim que é a mulher de um sultão, uma *kadin*! Ruiva, com olhos verdes brilhantes e uma boca vermelha ligeiramente oblíqua, *a kadin* caminhou pela sala com um passo cadenciado. Parou para inspecionar o trabalho de cada uma das jovens, fazendo farfalhar a barra da saia enquanto cada escrava beijava o pano, e quando não ficava feliz com o que via, sacudia a cabeça, e a esmeralda do tamanho de uma noz que usava à volta do pescoço tremia com desprazer.

Nakshidil fingiu concentrar-se na sua costura. Quando sentiu que Aysha estava de pé logo acima dela, beijou a saia da mulher e manteve a cabeça baixa, bordando a ponta da folha. Enfiou a agulha através do tecido de seda e tornou a empurrá-la para cima, e quando puxou a agulha para a fazer sair do pano, o fio partiu-se. Os seus olhos voaram primeiro para a camareira, depois para Aysha, depois novamente para a camareira, e pela expressão no rosto delas, soube logo o que estava por vir. Sentiu o forte tabefe de Aysha na sua bochecha. O eunuco negro, agachado de guarda a um canto, agarrou-a e arrastou-a para fora da sala. Enquanto ela saía, a camareira insultou-a com desprezo.

Alguns passos a baixo no corredor, ela foi atirada para um pequeno aposento. Fui atrás e vi uma velha camareira à espera, com um sapato duro na mão. Nakshidil fechou os olhos, cerrou os punhos e reteve a respiração, preparando-se para os golpes. Os primeiros foram suportáveis. Mas alguns minutos depois ela nem sequer conseguia ouvir os próprios gritos. O chinelo de couro rasgava os seus lóbulos e o sangue escorria das suas orelhas. Tonta, ela agachou-se num canto.

Mais tarde naquele dia, fui ver como ela estava. Encontrei-a deitada no seu divã, e Perestu estava a seu lado.

— Ouvi dizer que foste castigada — sussurrou a menina.
— O que aconteceu?

Nakshidil viu a camareira de pé atrás de Perestu. Uma punição por dia bastava.

— Não é tão mau assim — sussurrou ela. — Contar-te-ei amanhã. — Fraca e cansada, encolheu o corpo em posição fetal e tentou adormecer.

Na manhã seguinte, quando cheguei depois do pequeno-almoço, ela ainda estava sobre o colchão, com o rosto inchado por causa da tarefa.

— Vim buscar-te — disse eu.

— Não vou a lugar algum. — Ela falava com dificuldade, mas a sua atitude não tinha mudado.

— Tenho as minhas ordens e vais seguir-me.

— Não vou — disse ela, e quando virou a cabeça vi que as suas orelhas estavam cobertas de sangue seco.

— Tens de vir comigo — disse-lhe. — Parece que estás a esquecer-te da tua posição. Não passas de uma odalisca, a mais reles das escravas.

— Sou filha de um homem importante. — Ela falava devagar, obviamente sentindo dor e mal sendo capaz de mover a mandíbula.

E eu também sou, quis eu dizer-lhe. Eu sabia como ela se sentia: arrancada de um mundo tranquilo e indulgente e lançada num mar turbulento como os restos de um naufrágio. “Um dia serás um grande líder”, dissera-me o meu pai quando eu fizera cinco anos. As suas palavras tinham-me enchido de orgulho e eu ansiava por seguir os seus passos.

Não muito tempo depois, fui levado embora, acorrentado, castrado e condenado a uma vida de servidão. Não mais um homem entre os homens, eu era um escravo que servia os caprichos de outros escravos. De início enchi-me de raiva e senti-me traído pelo meu pai; depois tornei-me apático, frustrado com a perda da minha liberdade e com a minha incapacidade para fugir. Só depois de vários anos comecei a entender os meus captores, a ver que as circunstâncias os forçavam a comportarem-se como faziam. E lentamente a minha raiva foi-se transformando em empatia, a minha frieza em cordialidade; os meus piores inimigos tornaram-se meus amigos e, com o tempo, acabei por me tornar também num deles.

Olhei para Nakshidil e vi a minha própria infelicidade inicial reflectida nos olhos dela. Aquela não era uma rapariga como Perestu, que procurava beneficiar-se da sua posição. Era uma criança que sofria.

— Não posso voltar para lá — disse ela.

— Não vais voltar — prometi.

— Então para onde estás a levar-me?

— Para a lavandaria. É esta a tua punição, trabalhar lá.

Ela seguiu-me, segurando a cabeça latejante enquanto eu a conduzia até à sala. Mas antes de chegarmos à lavandaria, parou e pôs a mão no meu braço.

— Não — disse eu, severo, pensando que ela quisesse voltar para a sala de bordados. — Não. Não podes voltar para a costura. A camareira não te quer lá. O teu trabalho miserável envergonhou-a diante de Aysha, e ela quis que tu fosses dispensada do palácio, mas eu insisti que tinhas sido mandada para cá como um presente especial do *bei* de Argel e que deverias ter outra hipótese. — Eu não disse que, se ela fosse mandada embora,

eu pagaria um preço, e que se ela ficasse eu também teria outra hipótese. — Deverias estar agradecida. A lavandaria é bem melhor do que o mercado de escravos.

A menina escutou e juntou as palmas das mãos como se estivesse a rezar.

— Música — sussurrou ela. Depois dobrou o braço esquerdo de modo a que a sua mão quase tocasse o ombro. Lentamente, moveu a mão direita para a frente e para trás por cima da parte superior do braço esquerdo. Mais uma vez, juntou as palmas das mãos e fez o gesto de prece, suplicando com os olhos. Compreendi. Esta é a tua última oportunidade, pensei; é melhor fazeres com que dê certo.

Segui por um corredor diferente e empurrei uma porta pintada, abrindo-a. Pude ver vinte escravas na sala apainelada, algumas a segurar flautas, outras alaúdes, outras com o *kanun* de cordas no colo; uma delas tocava harpa, outras pequenos tambores, e algumas seguravam pandeiretas. Perestu estava sentada no chão com um *ney*. O som nasalado de canções folclóricas turcas enchia o ar.

Vinte pares de olhos negros seguiram-nos enquanto atravessávamos a sala e eu falava com a camareira. Eu conhecia Fátima desde que chegara a Topkapi; tinha-lhe feito alguns pequenos favores no passado, e ela escutou com má vontade enquanto eu lhe pedia, por favor, para acolher Nakshidil sob a sua tutela. Com relutância, ela atirou um pandeiro para as mãos da menina.

Mas em vez de o aceitar de bom grado, Nakshidil olhou em volta, avistou algo na prateleira de um armário, e apontou para o objecto com coragem.

— O que quer ela com essa coisa velha? — resmungou Fá-

tima para mim. — Isso foi-nos dado de presente há muitos anos, e ninguém jamais o tocou.

Mas então ela ordenou a uma escrava que entregasse o instrumento a Nakshidil. Eu vi-a pegá-lo. Ela alisou o longo arco, correu as mãos pelo tampo de madeira e aninhou o violino debaixo do queixo magoado. Enquanto afinava as cravelhas e puxava as cordas do braço do instrumento, a dor da tarefa que apanhara pareceu desaparecer, e todo o seu rosto se iluminou; eu podia ver o quanto aquele instrumento era como um velho amigo para ela.

Ela moveu o arco por cima das cordas e o violino começou a emitir sons doces como eu jamais havia escutado; acordes de pungente melancolia flutuavam pela sala vindos de outro mundo. Mas se era Mozart que ela pretendia tocar no palácio, ficaria profundamente desapontada. Agora teria que aprender música turca: não haveria nenhum *Rapto do Seraglio*.

Encontrando consolo no violino, em poucas semanas a menina adaptou-se ao ritmo do harém. Ao pequeno-almoço, muitas vezes bebia uma segunda xícara de chá e conseguia passar o iogurte em cima do pão estufado. Durante as refeições, admirava a maneira como as escravas mais velhas comiam com as mãos, enrolando e desenrolando os dedos como serpentes a dançar sobre a relva. Ela precisava admitir, disse-me, que jamais poderia ser capaz de comer com tanta elegância.

Mesmo assim, não tinha aberto a mão de todas as esperanças de fuga. Quando estivesse em casa, dizia, mostraria aos seus amigos como as mulheres dançavam sinuosamente com as mãos. Apesar disso, na sala de música, ela começou a aprender as canções turcas. Nos banhos, mexericava mais com as outras meninas e começou a pintar as sobrancelhas mais jun-

tas. E quando alguém se dirigia a ela como Nakshidil, em vez de ignorar a pessoa ou de esperar um pouco antes de responder, reagia imediatamente ao nome.

— Sabe, Tulipa — disse-me certa manhã quando não tinha mais ninguém por perto —, estou a acostumar-me ao nome Nakshidil. Até gosto bastante dele. — Colocou a mão no coração. — Obrigada, *chéri*, por me dares esse nome.

— Não fui eu quem o escolhi. Foi a camareira-chefe.

— Mas ajudaste-me a apreciá-lo.

Não era frequente as raparigas do harém darem sequer uma pequena demonstração de gratidão; a maioria delas eram criaturas endurecidas, tão duras quanto as regiões montanhosas de onde vinham, e concentradas nas suas próprias ambições; tinham tendência a tratar-nos a nós, os eunucos, com desprezo, a ignorar-nos, ou a só prestar atenção em nós quando precisavam da nossa intervenção. Ouvir uma palavra de agradecimento dos seus lábios tocou-me o coração. Senti que havia alguma delicadeza nela, apesar do seu temperamento e do seu carácter forte, alguma gentileza que estava aflorando e que me comovia. E vi que ela estava a entregar-se mais à vida no palácio.

Suponho que ela tenha encontrado familiaridade no ambiente austero do harém: a estrita disciplina, a rotina estudada, as camareiras severas, até os ensinamentos religiosos. Confinada na ala húmida, vivendo com outras meninas da sua idade e supervisionada pelas virgens mais velhas, aquilo não era tão diferente, disse ela, do convento em Nantes. Esperei que as suas lembranças do passado, como para todos nós no harém, se fossem enterrando cada vez mais na sua mente. Mas, não, ela ainda sonhava com François e em casar-se com ele.

Os governantes turcos, disse-lhe eu, escolhiam as suas es-

posas e os seus conselheiros mais próximos, não entre o seu próprio povo, mas entre seus escravos.

— Não achas que poderias aprender a amar um sultão?

Ela ficou calada por um instante.

— Sabes, sinto-me tão confusa. Parte de mim faria qualquer coisa para atrair o sultão, e parte de mim sente repulsa só de pensar nele. Ele é mais idoso do que o meu avô. Não consigo imaginar estar com ele.

Algumas vezes a menina irritava-me.

— É claro que consegues. Tens que ir ao seu encontro se ele te chamar. Ele é o sultão, o padixá, a sombra de Deus sobre a terra — respondi.

— Não me importa quem ele é. Ele é um déspota idoso que tira o seu poder da escravidão de todas as outras pessoas. Eu sei. Eu li a esse respeito. De qualquer modo, o sultão não é importante no lugar de onde eu venho.

— O lugar de onde vens já não importa mais — lembrei-lhe. — Não és a pessoa que eras. És outra pessoa. Deves pensar em ti mesma como um camaleão: só importa quem és agora e onde estás agora. Quanto mais cedo aceites isso, mais fácil será o teu sucesso aqui.

— Estás errado — insistiu ela. — Talvez tu não entendas, mas eu sou filha de um homem importante, um membro do Conselho de Martinica.

— O meu pai também era importante, um homem de grande autoridade, subordinado apenas ao chefe tribal da Abissínia — retorqui.

— Então por que estás aqui?

— Os homens brancos queriam-me porque sabiam que eu vinha de uma grande linhagem.

— E o teu pai abriu mão de ti? — a sua voz demonstrava surpresa.

— Não. Ele não abriu mão de mim. Ele vendeu-me. Os homens ofereceram uma boa quantidade de ouro ao chefe tribal. E o chefe prometeu dividi-la com o meu pai. Ele ordenou ao meu pai que me vendesse.

— E o teu pai concordou?

Aquiesci, envergonhado.

— Sim, o meu pai concordou. Eu nasci com a perna direita mais curta do que a esquerda. Ele via isso como um mau presságio. Além do mais, ele nunca desobedecia ao seu chefe — disse eu baixinho.

— Sinto muito — disse ela. Pensei detectar alguma empatia na sua voz, mas ela prosseguiu. — Talvez seja essa a diferença, o meu pai jamais venderia a própria filha. E ele jamais obedeceria a chefe algum. Ele é poderoso por si próprio.

Ela hesitou por um instante, como se houvesse algo mais que quisesse dizer, mas então pareceu mudar de ideia. Em vez disso, a sua mandíbula contraiu-se e sua voz ficou mais alta.

— Eles não podem fazer de mim uma escrava. Sou uma du Buc de Rivery.

Balancei a cabeça tanto de tristeza como de raiva. Será que ela não tinha ainda entendido? Não importava quem ela era. O passado estava terminado. Só o presente era importante. E no presente, e para o resto da sua vida, ela era e seria uma escrava.

• • •

Eu estava no dormitório quando Nakshidil gritou por socorro. Soltei as almofadas que tinha trazido dos divãs e corri para junto dela.

— O que foi? Qual é o problema? — perguntei.

— Primeiro era apenas um fio, e depois um esguicho — disse ela atabalhoadamente; segurava um pedaço de pano manchado de sangue vermelho escuro. Senti os meus joelhos cederem, e pude sentir a cor a esvaír-se das minhas faces.

Ao ver o meu rosto, ela deixou cair o pano escurecido.

— Tulipa, o que foi? Parece que vais desmaiar.

— É o sangue — respondi. — Não consigo olhar para ele. — Eu não podia dizer-lhe porquê, mas para sorte minha Perestu já estava a correr para junto dela. Quando a menina romana ouviu o que tinha acontecido, riu-se.

— Parabéns, Nakshidil — disse. — Agora és uma mulher.

— Mas o que significa isso? — Nakshidil estava quase a chorar. — É claro que eu sou uma mulher. Sempre fui mulher.

— Não, não, tu eras uma menina. Agora és uma mulher. — Perestu estendeu-lhe um pedaço de pano limpo e continuou. — Agora podes ter bebés — respondeu ela, e o sorriso fez surgirem covinhas nas suas bochechas.

Instintivamente, a minha mão caiu até ao lugar mutilado entre as minhas pernas. Lembrei-me da maneira como a minha própria capacidade de ter filhos tinha sido removida, e deixei escapar um grunhido.

— Qual é o problema? — tornou a perguntar Nakshidil.

— Nada — disse eu. — Apenas me lembrei de algo importante. Precisas ficar longe dos banhos enquanto estiveres menstruada. É ilegal banhar-se quando se está grávida ou doente, ou quando se está a sangrar.

— Sim, está bem. — Nakshidil não ligou ao que lhe disse e voltou-se para Perestu. — Mas todas sabemos que, para ter um bebé, é preciso de algum modo estar com um homem.

Senti-me novamente mal, mas nada disse. Homem. Mulher. Só os eunucos conhecem a agonia dessas palavras. Sou atormentado noite e dia pela minha invalidez, tanto como homem, quanto como mulher. Em vez disso, sou meio homem, meio mulher, com os anseios sexuais de ambos e a aparência física de nenhum deles; uma criatura com o pescoço grosso, o peito largo e os ombros de um homem, e o rosto imberbe, a barriga flácida e a voz aguda de uma mulher; uma aberração, como Nakshidil me chamara certa vez. Certo dia, quando um médico veio ao palácio visitar a sultana *valide*, eu detive-o quando ele saía.

— Meu bom médico — implorei —, o senhor cura tantas pessoas doentes. Não há nada que possa fazer por mim? — Ele olhou-me e sacudiu a cabeça.

— Eu sinto muito — sussurrou ele. — Sinto mesmo muito. — E eu podia ver lágrimas nos seus olhos.

— Deves aprender a amar o sultão — respondeu Perestu.

— Mas não há homens mais jovens na linha do trono?

Aquiesci com a cabeça.

— Talvez *o kismet* me traga um — disse Nakshidil. Ela olhou para mim e sorriu.

• • •

Do lado de fora, num começo de tarde de Primavera, eu vi-a colher um crisântemo e começar a arrancar as suas pétalas.

— O que estás a desejar?

— Ah, Tulipa — respondeu ela, reflexiva. — O meu plano deu certo. Saí da sala de bordados e, graças a ti, estou a tocar música. Mas mesmo assim faço parte de um grupo grande. Não sou uma das meninas privilegiadas que cuidam do sultão. Como poderei um dia atrair a sua atenção?

— Já dançaste? — perguntei.

— É claro. Na escola, aprendíamos todo o tipo de dança: minuete, contradança. — Ela deu alguns passos delicados para me mostrar. — Segura o meu braço — disse, e antes que eu pudesse protestar, saiu arrastando-me pelo jardim.

Parei para tomar fôlego.

— Estou a pensar em algo diferente — disse eu. — segue-me.

CAPÍTULO 3



Os ulemás tinham anunciado que o Ramadão seria dali a dois meses e, como sempre, na noite da sua chegada haveria divertimentos para todo o harém. A camareira-chefe ordenou que aquelas com os talentos mais promissores recebessem aulas de dança. Nakshidil movia-se de forma atraente, com graça, e eu tinha a certeza de que ela podia ser uma das dançarinas.

Dez meninas estavam reunidas na grande sala onde Safieh, a instrutora de dança, estava prestes a demonstrar os seus talentos. Cortinas cobriam as janelas de vidro manchadas e os tapetes tinham sido enrolados para revelar o chão de madeira polido. De pé, com os pés ligeiramente afastados, Safieh dobrou os joelhos e empurrou o peito para a frente. Ela deu o sinal para os músicos começarem, e enquanto eles tocavam a pungente música *chifetelli* e estalavam as suas castanholas, ela estendeu os braços, revirando mãos e pulsos. Mantinha os ombros imóveis e ondulava os quadris de um lado para o outro, levantando-os devagar, primeiro o esquerdo, depois o direito, e enquanto a parte de baixo de seu corpo se movia, ela levantava os braços e cruzava-os logo abaixo dos olhos, depois deslizava-os graciosamente pelos lados do corpo, ondulando

com tanta sensualidade que teria sido capaz de fazer o mármore derreter-se.

Perestu copiou os movimentos da professora, mas quando Nakshidil tentou imitá-la, achou praticamente impossível isolar a barriga dos quadris. É claro, em França, ela aprendera as danças da corte, e contara-me que, quando criança em Martinica, tinha dançado com as escravas africanas, mas aqueles movimentos eram tão diferentes quanto uma tulipa de um turbante. Quando lhe disseram para ondular o peito numa direcção e o traseiro noutra, ela cobriu a boca e riu.

— Sinto-me tola — disse ela.

— Pensa no teu corpo como uma cobra — aconselhei. — Deves fazer a cobra serpentear e, enquanto ela serpenteia, deves enrolar os braços como se eles também fossem serpentes.

Nakshidil treinou até descobrir músculos que nunca tinha pensado ter. Aprendeu a fazer a parte de cima do seu corpo ir para a direita e a parte de baixo ir para a esquerda. Aprendeu a fazer a *kashlimar*, dando um passo para a frente, depois voltando com um dos pés e pisando no mesmo lugar com o outro. Enrolava as mãos e braços para um lado e para o outro como se estivesse a atrair a sua presa, e girava os quadris, balançando-os, levantando-os um de cada vez. Perestu ensinou-lhe a apertar os músculos de modo a que o lugar entre as suas pernas enrijecesse. Devagar, ela movia a pélvis e girava os quadris, fazia o umbigo tremer e balançava os pequenos seios para cima e para baixo. Não demorou muito para se mover como uma serpente, e as outras observavam, invejando o talento em que eu sempre acreditara.

Foi logo depois disso que os homens santos declararam que já conseguiam distinguir o fio branco do fio preto no primeiro crescente da lua: era o início do Ramadão. Naquela noite tínhamos os divertimentos. As escravas estavam animadas como crianças num teatro de sombras. Pulando pelos corredores, sussurravam histórias sobre o sultão, conversavam sobre o que vestiriam e treinavam o que iriam fazer. Perestu implorou a uma das escravas que já se tinha apresentado uma vez diante de Abdul Hamid para o descrever.

— Eu estava tão nervosa que mal conseguia ver — disse ela. — Mas lembro-me do olhar devasso nos seus olhos pequenos.

— Nunca me esquecerei da sua barba negra — disse outra. — Estava tingida de negro para o fazer parecer mais jovem. Mas em vez disso ela parecia um manto do mal pendurado no seu queixo.

— Ela certamente não o ajudou com Roxana — interrompeu outra rapariga.

— O que queres dizer? — perguntou Nakshidil.

— Não conheces a história? — Nakshidil sacudiu a cabeça. — Apesar de todo o seu poder, o sultão não conseguia controlar a única mulher do harém que realmente desejava. Sempre que a chamava para a sua cama, ela encontrava alguma desculpa para não ir. Quanto mais ela recusava, mais ele a desejava. O padixá enviava-lhe cartas e mais cartas, cada qual mais descontrolada do que a outra.

— Como sabes disso? — perguntou Nakshidil.

A menina olhou para mim, e eu virei a cabeça.

— Os eunucos, naturalmente. Eles levavam as cartas do sultão para ela. E espalham as histórias tão depressa quanto

os janízaros espalham o seu fogo. Aquela russa de olhos azuis escuros tinha ciúmes das outras esposas e tentava fazer o sultão passar por bobo. Quando ouvimos falar nas cartas, ficámos assombradas; cheguei até a decorá-las.

— O que diziam?

— A primeira dizia: “Estou de joelhos, implorando o teu perdão. Por favor, deixa-me ver-te esta noite. Se desejares, mata-me. Eu rendo-me, mas por favor não ignores o meu lamento, ou morrerei. Jogar-me-ei aos teus pés.”

Nakshidil escutava, incrédula.

— Sem dúvida, se um sultão é tão importante quanto todos dizem, não escreveria essas coisas a uma escrava.

— Juro-te que escreveu.

— Tulipa, é verdade?

Aquiesci, envergonhado.

— Como reagiu ela?

— Roxana era impetuosa — interrompeu alguém.

— Não, era esperta — disse outra moça.

— Bem, não esperta o suficiente — continuou a contadora da história. — Para o punir, ela recusou os seus desejos novamente. Disse-lhe que era a época do mês em que não podia ir à sua cama. Para garantir que ele acreditaria, subornou um eunuco para lhe fornecer uma gota de sangue de pombo.

— E então o que aconteceu?

— Ele mandou-lhe outra carta. Essa dizia: “Não me deixes sofrer mais. Na noite passada mal pude controlar-me. Deixa-me beijar os teus pés. Por favor, deixa-me ser o teu escravo. Tu és a minha senhora.”

— E é claro que ela foi até ele.

— Não. Ela recusou. Então, para se vingar, noite após noite o sultão pedia uma rapariga diferente.

— Algumas noites pedia três ou quatro ao mesmo tempo — lembrou alguém.

Nakshidil encolheu-se.

— Não é só isso: com o seu apetite inesgotável ele gerou vinte e seis filhos. Infelizmente, a maioria morreu.

— E ele esqueceu-se de Roxana?

— Sim, mas só depois de a colocar na prisão.

— E agora ele tem uma favorita?

— Uma menina europeia tornou-se na sua mais recente esposa. Tinha o mesmo nome que tu: Nakshidil.

— O que aconteceu com ela?

— Morreu de tifo pouco antes de chegares.

Lembrei-me de ouvir dizer o quanto o sultão tinha ficado perturbado quando a sua sétima esposa, uma europeia que lhe dera um filho, adoeceu de repente. Todos os dias, durante duas semanas, ele pedia notícias ao chefe dos eunucos negros, e a cada dia as notícias pioravam. Finalmente, o sultão não pôde mais aguentar e, contrariando as ordens do médico do palácio, foi visitar a *kadin*.

Entrando na ponta dos pés no quarto onde ela estava, foi submergido pelos odores pútridos da doença. A pobre rapariga estava pálida e inerte, e embora a roupa de cama não lhe permitisse vê-la, ele sabia que a sua barriga e o seu peito estavam salpicados de manchas cor-de-rosa. Era fácil ver como o tifo tinha devorado a vida do seu belo corpo. Dizimada pela febre e pela diarreia, ela era incapaz de falar ou sequer de manear a cabeça. Ao ver o grande padixá, esforçou-se para piscar os olhos em sinal de reconhecimento.

Ele saiu do quarto aos prantos; vinte e quatro horas depois ela estava morta.

Nakshidil pareceu perturbada pela história.

— Tulipa — sussurrou ela, acenando para que eu me afastasse das outras.

— Se recebi o nome da falecida esposa do sultão, talvez eu também seja chamada à sua cama. E se ele *realmente* me chamar? E se ele for tão velho e feio que eu não seja capaz de fazer o que ele quer?

— Vais ser sim — disse eu.

— E se eu não for? Serei punida? Ele põe-me na prisão como a Roxana?

— É possível. Ou, se tiveres sorte, manda-te para o Palácio das Lágrimas.

— O que é isso?

— O Palácio Antigo. É um lugar a cair aos pedaços. É chamado de Palácio das Lágrimas por ser tão sombrio, cheio de mulheres que perderam os seus homens, ou de mulheres que nunca tiveram nenhum homem para amar. Dizem que os únicos sons que se ouve são os sons das mulheres a chorar. Tenho medo até de pensar nele.

— Ah, Tulipa. Isso é horrível. Quem poderei subornar para me trazer sangue de pombo?

— Ninguém — disse eu. — Se ele fosse apanhado, a punição seria severa demais.

• • •

Antes da noite de divertimentos, as raparigas passaram o dia inteiro nos banhos, connosco, os eunucos negros a ajudá-las.

Nakshidil deitou-se sobre o banco de mármore, imersa no vapor quente, enquanto uma das escravas a massajava, apertando-a e batendo nela com tanta força que quando a mulher terminou ela mal conseguiu levantar-se da plataforma.

— Como serei capaz de dançar? — gemeu.

Outras escravas deitaram água sobre o seu corpo e esfregaram-na com a esponja até cada centímetro da sua pele estar nova e cor-de-rosa, depois ensaboaram-na e deitaram mais água nela, esfregando-a com pétalas de rosas para que o cheiro forte impregnasse os seus cabelos, o seu couro cabeludo e a sua pele.

Cobriram o seu rosto com uma máscara de amêndoas e gemas de ovo, e branquearam-no com uma mistura de jasmim e amêndoas. Agora que era mulher, foi examinada em busca do mais ínfimo vestígio de pêlos corporais — proibidos para mulheres muçulmanas — mas não havia nenhum. O ar estava pesado de animação. Algumas das moças nuas brincavam e provocavam-se, atirando as suas jubas de cabelos negros de um lado para o outro, beijando-se, abraçando-se, acariciando os seios umas das outras.

Enrolada numa toalha de linho bordada e caminhando com desenvoltura em cima das socas de saltos altos, Nakshidil passou para a sala seguinte, onde as suas unhas dos pés e das mãos seriam pintadas com *hena*. Sorriu ao ver os seus dedos escuros a sair das sandálias cor de madrepérola e a tulipa de *hena* tatuada no seu tornozelo. Os seus cabelos louros foram alisados com manteiga e enfeitados com pérolas, depois presos num dos lados com um gorro enfeitado com jóias. Os seus olhos foram realçados com *kohl*, as suas sobrancelhas unidas com nanquim e os seus lábios pintados com cinábrio. Uma es-

crava passou uma bandeja de refrescos e outra ofereceu café, mas Nakshidil dispensou a segunda.

Cada jovem pôde escolher entre duas roupas para a noite.

— O que achas, Tulipa? — perguntou ela enquanto sorvia o último gole de refresco da colher. Examinou as roupas com cuidado, alisando as delicadas sedas e os luxuosos cetins, e remexendo a caixa de jóias: rubis vermelho-sangue, esmeraldas verde-escuras, safiras azuis como o mar. Vestiu um *shalwar* bufante listrado de vermelho e dourado feito de uma seda fina como gaze; por sobre a cabeça passou um vestido vaporoso e decotado, e por cima dele uma túnica amarela finamente bordada, abotoada bem abaixo da protuberância dos seus pequenos seios.

— Perfeito — disse eu, enquanto ela passava à volta dos quadris uma larga faixa de caxemira coberta de pedras coloridas. De entre uma variedade de pedras preciosas, ela escolhera cachos de pérolas e rubis que pendiam das orelhas, feiras de pérolas para dar brilho ao pescoço, anéis de ouro e pulseiras de ouro incrustadas de rubis, safiras e pérolas, e ainda pulseiras com lindas pedras preciosas nos tornozelos.

Rindo de nervosismo, as jovens exibiam-se. Uma delas foi elogiada pelos seus brincos, a outra pela cor da sua blusa.

— Nakshidil — observou uma das raparigas —, como pode ser que, tendo todas a mesma escolha de roupas, as tuas parecerem sempre mais elegantes do que as nossas?

Ela encolheu os ombros.

— É muito natural. Sou francesa, lembra-te.

Lembrei-lhes de como deveriam comportar-se diante do sultão, observei-as a treinar as suas reverências e alertei-as de que deveriam manter um silêncio absoluto e jamais virar as

costas para o governante. Todas tinham aprendido a posição de atenção, e mais de uma vez Nakshidil treinou, encolhendo a barriga e ficando erecta, com os ombros para trás, os braços cruzados sobre o peito nu, a mão esquerda cobrindo o seio direito, a mão direita cobrindo o esquerdo. Ela deveria ficar sempre assim em presença do sultão, excepto, é claro, quando estivessem a apresentar-se.

A camareira passou com um espelho de mão, e Nakshidil implorou para dar uma olhadela. Segurando-o em direcção à luz, olhou para o vidro, piscando os olhos de incredulidade. Mal se reconhecia a si mesma. Tocou com os dedos na pele embranquecida, os olhos escurecidos, os lábios vermelhos. Enquanto olhava, parecia gostar da mulher que a fitava de volta, e lentamente vi os seus olhos começarem a esticar-se com um sorriso e os seus lábios quase beijarem os lábios do espelho. Eu quase podia ver os pensamentos que zuniam pela sua cabeça: ela estava a apaixonar-se pelo seu novo eu.

Então a jovem recuou, como se dissesse que, lá no fundo, sabia que sempre seria Aimée du Buc de Rivery. Mas o rosto que retribuía o seu olhar não era mais o de uma rapariguinha francesa, e o seu corpo não era o de uma criança. Qualquer sinal da sua juventude crioula ou dos seus inocentes anos no convento tinham desaparecido. Ela agora era uma mulher feita, com a luxúria de uma mulher e os desejos de uma mulher. Transformada pelas feiticeiras de Topkapi, ela era de facto Nakshidil, a escrava do harém.

A transformação foi como um afrodisíaco. As suas faces coraram, a pulsação acelerou nas suas têmporas e os seus olhos faiscaram de ambição. Eu sabia que ela queria tudo o que uma mulher do palácio podia ter: as roupas, as jóias, o dinheiro, o

poder e, mais importante de tudo, o homem. Ela estava determinada a ser como Aysha: a ter raparigas escravas a beijar a sua saia, eunucos a cumprir as suas ordens, um sultão a chamá-la de esposa. Ela mal compreendia o significado de tais coisas, mas, assim como uma tulipa brota da terra, subiria ao topo da hierarquia do palácio. Eu sabia que a resistência que ela tinha demonstrado até então se dissolvera no espelho. Mas teria sido difícil adivinhar o quanto a sua vida iria mudar.